

Relações entre arquitetura e arte contemporânea nas exposições de Pedro Cabrita Reis e Álvaro Siza no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto, Portugal

Robson Xavier da Costa¹

Contato: robsonxcosta@yahoo.com.br

Linha de pesquisa – Projeto de Arquitetura

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um recorte de tese em desenvolvimento - provisoriamente intitulada **“Percepção ambiental em museus-paisagem de arte contemporânea: a legibilidade dos museus de Serralves/Portugal e do Inhotim/Brasil avaliada por seus usuários”** - cujo foco de estudo é a relação entre o público, a arquitetura de museus-paisagem (GRANDE, 2000) e a arte contemporânea. Nele serão analisadas duas exposições **“Da luz e do espaço”** do artista português **Pedro Cabrita Reis**, realizada em 1999, e **“Álvaro Siza – Expor on display”**, realizada em 2005, com obras do autor do projeto do Museu em questão. A investigação recorreu ao estudo de documentos de época, como catálogos, fotografias, maquetes e documentos do acervo da biblioteca do Museu de Serralves. Ambas as exposições tratam da questão da relação arquitetura e arte contemporânea no contexto do museu paisagem, sendo também exemplos emblemáticos das posturas diferenciadas entre o artista contemporâneo e o arquiteto ao ocuparem o mesmo espaço do museu de arte contemporânea, uma vez que suas formas de pensamento sobre arte refletem-se nas montagens das exposições, nas propostas e poéticas apresentadas em Serralves. Avaliar o potencial da legibilidade da arquitetura de museus de arte contemporânea, a partir dos indícios visuais e do discurso do público, passa por identificar elementos facilitadores e/ou não da apreensão visual na relação

intramuseu (galerias e salas de exposição) e extramuseu (parques e jardins), considerando ambos os aspectos da arquitetura museográfica. A base analítica do trabalho recorrerá ao modelo teórico da Percepção Ambiental especialmente aos conceitos de “espaço-limite” e “transfiguração” (PINTO, 2007) e “*continuum* experiencial” (TUAN, 1983). Defende-se como hipótese que os projetos arquitetônicos de museus de arte contemporânea apresentam uma diversidade considerável de *layouts*, que sofrem também, interferência dos projetos expográficos e das necessidades específicas de cada obra e/ou montagem, resignificando-se continuamente a partir da relação da arte contemporânea com a arquitetura, por esse motivo, tornam-se espaços construídos em permanente transformação o que pode gerar leituras diversas, mutáveis e inconstantes por parte do público alvo, minimizando o impacto do que Lynch denomina “imagem mental” do espaço. Interessa-nos entender como o arquiteto e o artista compreendem o espaço no Museu de Serralves a partir das suas exposições, como resolvem os problemas de adaptação em relação às demandas expositivas da arte contemporânea no espaço construído museu/parque.

OBJETIVO

Avaliar a relação arquitetura e arte contemporânea no Museu de Serralves, Porto, Portugal a partir da leitura dos documentos das exposições “da luz e do espaço”, (1999), Pedro Cabrita Reis e “Álvaro Siza – *expor on display*” (2005), Álvaro Siza.

MÉTODO

Utilizamos a pesquisa qualitativa (DEMO, 2000) com estudo de caso (YIN, 2005), por meio da análise dos documentos (imagens fotográficas, livros, textos e catálogos) das exposições citadas, a coleta de dados foi realizada no ano de 2011 e no primeiro semestre do ano de 2012 em Portugal.

SOBRE O MUSEU

O Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto, Portugal, é um dos principais e foi o primeiro museu dedicado exclusivamente a arte contemporânea no país, inaugurado em 1999, projeto de Álvaro Siza, é uma grande construção com mais de 14.000 metros quadrados, implantada em uma antiga quinta, contando com um parque/jardim de inspiração inglesa e francesa. O jardim rodeia todo o museu, contando ainda com a casa de Serralves, construção Art Decó das décadas de

¹ Doutorando em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/UFRN; Ex-Bolsista Erasmus Mundus da União Europeia – UMinho – Portugal; Mestre em História – UFPB; Docente do Departamento de Artes Visuais – UFPB; Líder do Grupo de Pesquisa em Arteterapia e Educação em Artes Visuais – GPAEAV/UFPB/CNPq.



Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | PPGAU/UFRN

1930 e 1940, quando a propriedade pertencia ao Conde de Vizela, a respectiva casa foi transformada desde a década de 1980 em centro cultural. O museu de Serralves costuma abrigar em suas salas exposições temporárias, que ficam em média três meses expostas ao público, além do jardim de esculturas permanentes, inseridas de forma quase camuflada na paisagem (ver figuras 01 e 02).



Figura 01 – Museu de Serralves – Porto – Portugal – disponível em: www.google.com/imgens



Figura 02 – Museu de Serralves – detalhe de uma das salas de exposição – Disponível em: www.google.com/imgens

O projeto do museu compreende uma grande caixa branca deitada suavemente na encosta do que foi a antiga horta da quinta de Serralves, é uma construção baixa, que não se vê da parte externa do prédio, ficando inserida abaixo da altura do muro exterior. As salas são diferentes entre si, apresentando aberturas e permeabilidade para com o espaço do parque/jardim. Segundo o Diretor e Curador João Fernandes, Serralves apresenta uma flexibilidade considerável no que tange aos espaços expositivos, permitindo o uso de falsas paredes, de painéis portantes, o fechamento temporário de janelas e outras aberturas, o que possibilita que o público/usuário sempre se depare com um novo espaço de museu a cada visita. O museu de Serralves é literalmente uma obra aberta.

A EXPOSIÇÃO DE CABRITA REIS

Em 1999 o consagrado artista contemporâneo português Pedro Cabrita Reis, foi convidado para expor em Serralves. Em seu trabalho, o artista, utilizou materiais construtivos diversos, tais como: tijolos, restos de construção, detritos urbanos, vidro, madeira, argamassa, material elétrico, uma obra madura e consistente que discute a questão do tempo e do espaço.

Sua poética de uma arquitetura efêmera e singular lembra a precariedade das construções orgânicas das favelas, restos de uma civilização em processo. Sua obra é questionadora, desconstrutivista,

chegando a agredir a própria noção da caixa arquitetônica, elaborando novos territórios, tornando o museu um canteiro de obras.

Sua exposição em Serralves “da luz e do espaço” causou impacto no público/usuário por agredir visualmente o espaço projetado pelo arquiteto, rompendo com as paredes brancas das galerias do museu. De forma brutal os materiais e construções toscas criadas pelo artista, criaram uma tensão direta com a arquitetura proposta por Siza (ver Figuras 03 e 04).



Figura 03 – Exposição de Pedro Cabrita Reis em Serralves – Detalhe - Disponível em: www.google.com/imgens



Figura 04 – Exposição de Pedro Cabrita Reis em Serralves – Detalhe – Disponível em: www.google.com/imgens

As construções criadas por Cabrita Reis são derivações do seu processo de trabalho com pinturas, que viraram séries como as “janelas cegas”, formas arquitetônicas criadas com cartões, papelão, madeira, fitas adesivas e papéis de embrulho, essas obras expostas em Serralves criaram arquiteturas dentro da arquitetura. Posteriormente as “cidades cegas”, construções tridimensionais com materiais concretos como tijolos, argamassa e materiais elétricos, correspondem a uma incisão na caixa arquitetônica.

Trabalhando com a dualidade entre o cheio e o vazio, entre o bem acabado e o tosco, o aberto e o fechado, o interior e o exterior, Cabrita Reis inseriu a desordem na ordem do contentor proposto por Siza, rasgando a pele da construção, expondo suas entranhas, mesmo que supostas, trazendo à tona as estruturas, o esqueleto do prédio, permitindo o diálogo entre o espaço construído e a efemeridade da construção.

A EXPOSIÇÃO DE SIZA

Em 2005, seis anos após a inauguração do museu, foi à vez do autor do projeto do Museu de Serralves, expor na sua própria obra. Álvaro Siza, arquiteto português contemporâneo de renome



mundial, ganhador do prêmio Pritzker em 1992, que tem como máxima em sua obra a integração da arquitetura ao contexto local, o que levou Frampton a incluí-lo como parte do “regionalismo crítico”, pela sua proximidade com a arquitetura vernacular portuguesa. Sua obra, como um todo, sempre esteve próxima da relação com o lugar, a implantação no lote, a diversidade de soluções arquitetônicas e preocupada em responder as necessidades do projeto. Esse foi um momento significativo para o arquiteto, expor em seu próprio museu, podendo com essa experiência testar na própria pele as tensões que os artistas sofrem quando da montagem de suas obras.

A exposição “Álvaro Siza – Expor on display” sob a curadoria de Carlos Castanheira e João Fernandes mostrou cerca de uma década do trabalho do arquiteto, expondo esboços, desenhos técnicos, maquetes, fotografias e vídeos sobre a seus projetos de museus, até aquela data 18 projetos, dos quais 08 foram construídos. Dentre essa produção destacamos o Centro Galego de Arte Contemporânea (Santiago-de-Compostela–Espanha); o Museu de Arte Contemporânea de Serralves (Porto–Portugal); os Pavilhões de Portugal (Lisboa e Hannover); a Sala da Pietá Rondanini (Milão–Itália); a Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre–Brasil); a ampliação do Stedelijk (Amsterdã–Holanda).

No catálogo da exposição Siza descreve suas ideias sobre projetos de museus, uma das quais indicando que a concepção dos espaços de museus devem ser intencionalmente abertos, pensados para abrigar exposições temporárias, sem que se perca a autonomia da arquitetura. O arquiteto busca garantir o caráter do edifício do museu, não apenas construir uma caixa vazia, mas um edifício dotado de significado latente.

arquiteto projetar espaços abertos para abrigar as propostas inovadoras da arte contemporânea, já que não crê que o arquiteto possa controlar o uso do edifício.

Ao pensar uma exposição num museu do porte de Serralves, se faz necessário articular as variáveis que interferem no processo, o apoio da curadoria e diretoria, os recursos disponíveis para reparo da estrutura do prédio em caso de danos, a participação efetiva do artista nas montagens e desmontagens, o registro e documentação das exposições, a atuação do Setor Educativo do museu e a relação com a comunidade.

Para Siza uma exposição de arquitetura deve sempre estar preocupada com o público leigo, avido por informações visuais e também com o público mais restrito, especializado, com maior fundamentação teórica na área. Para o arquiteto as plantas, cortes e alçados devem ser expostos pensando no público de arquitetos e engenheiros, as maquetes para o público em geral, os esboços, e estudos dos projetos também tem interesse para se conhecer o processo do arquiteto. Mas para o arquiteto o essencial da exposição não é a parte informativa e sim a experiência da arquitetura.

Siza teve a oportunidade de testar a iluminação das salas, a maleabilidade e flexibilidade dos espaços das galerias, e os modos de utilização do espaço construído. Embora sua exposição de arquitetura não tenha como proposta a contestação à caixa arquitetônica e sim a adequação a sua utilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as duas exposições analisadas apresentassem um panorama da obra dos seus proponentes, elas diferem entre si quanto à relação estabelecida com o museu.

Na primeira o elemento central foi à contestação à própria arquitetura, pois colocando a caixa arquitetônica em cheque, Cabrita Reis provoca o olhar do público/usuário para ver os fragmentos de uma arquitetura vulgar, do mal acabado, das casas de papelão, ou seja, o artista fere a arquitetura no seu próprio seio, dentro da caixa arquitetônica do museu, rasga sua pele.

Na segunda, Siza preocupou-se em adequar sua produção de projetos de museus a estrutura do prédio, distribuindo cada tipo de objeto exposto (esboços, desenhos, maquetes, maquetes eletrônicas, fotografias e outros documentos) de modo a ser lido adequadamente pelo público, pois “um objecto não pode ser o protagonista absoluto, a não ser em casos excepcionais. Tem de exprimir então uma grande



Figura 05 – Exposição de Álvaro Siza em Serralves – Detalhe – disponível em: www.google.com/imgens



Figura 06 – Exposição de Álvaro Siza em Serralves – Detalhe – Disponível em: www.google.com/imgens

Em relação ao projeto de Serralves, Siza projeta um museu integrado na paisagem circundante, dialogando com o parque/jardim e com a casa, sem causar choques nem estranhamentos. Para Siza cabe ao



contenção, ou uma disponibilidade para qualquer relação (SIZA, 1998, p. 135).

Logo, Siza expôs sua obra procurando acondicioná-la ao espaço museal, na exposição o próprio prédio era a obra mais importante a ser vista, enquanto para Cabrita Reis a criação da tensão entre arquitetura e arte contemporânea foi o ponto alto da proposta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Pedro Bandeira pelo apoio junto a Escola de Arquitectura da Universidade do Minho durante o meu período como bolsista Erasmus Mundus; a toda equipe do Projeto Erasmus Mundus 17 e do Museu de Serralves/Portugal, pela oportunidade e acolhimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

YIN, Robert K. **Estudo de caso** – planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 3ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

FERNANDES, João. “Álvaro Siza: o regresso do arquitecto ao museu”. In: **Álvaro Siza expor = on display** coord. Ramos, Maria. 2005. 10-14. Catálogo da exposição. Porto: Fundação de Serralves, 2005.

GRANDE, Nuno (Ed.). **Museomania – museus de hoje, modelos de ontem**. Coleção de arte contemporânea público Serralves, Volume 12. Porto: Fundação Serralves, 2009.

HEGYI, Lórand. “Texto publicado no catálogo da exposição de Pedro Cabrita Reis”. In: **da luz e do espaço** - Catálogo da Exposição. Porto: Fundação de Serralves. 1999.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 2009.

PINHARANDA, João. As minhas peças são monólogos – antológica de Pedro Cabrita Reis em Serralves. 1999. **Público On Line**. Disponível em: <http://www.restaurantefidalgo.com/porto/pedroporto4.htm>. Acesso em: janeiro 2012.

PINTO, Jorge Cruz. **O espaço-limite**: produção e recepção em arquitectura. Col. Arquitectura e

Urbanismo, vol. II, Lisboa: ADC Editores/Universidade Técnica de Lisboa, 2007.

RAMOS, Maria (Coord.). **Álvaro Siza expor = on display** - catálogo da exposição. Porto: Fundação de Serralves, 2005.

SIZA, Álvaro. Entrevista concedida à Maria Ramos. In: Ramos, Maria (Coord.). 2005. **Álvaro Siza expor = on display** - catálogo da exposição. Porto: Fundação de Serralves. 2005.

TESTA, Peter. Uma arte maiêutica: os museus de Álvaro Siza. In: RAMOS, Maria (Coord.). 2005. **Álvaro Siza expor = on display** - catálogo da exposição. Porto – Portugal: Fundação de Serralves, 2005, p. 15-19.

TÓDOLI, Vicente e Fernandes, João (Coord. e Ed.). **Da luz e do espaço** - Catálogo da Exposição de Pedro Cabrita Reis. Porto: Fundação de Serralves, 1999.

TROUVÉ, Tatiana. **France Culture**. Trad. Fernanda Valente. 2005. Disponível em: <http://dasartesplasticas.blogspot.pt/2008/02/pedro-cabrita-reis-lisboa-portugal-arte.html>. Acesso: 15 de Janeiro de 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso** – planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 3ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

